

O ARAUTO

DA SANTIDADE

ÓRGÃO OFICIAL EM PORTUGUÊS DA IGREJA DO NAZARENO
15 DE ABRIL DE 1978





EXTRADIÇÃO

—Jorge de Barros

Certos países são considerados o paraíso dos criminosos. Por não terem assinado com outros o chamado "Acordo de Extradicação", tornaram-se em nova pátria para os que fogem aos castigos da lei que infringiram ou à ameaça de represálias políticas.

De vez em quando, a imprensa descobre um fugitivo importante vivendo num desses países. É certo que tais indivíduos tomaram nova identidade e usam disfarces físicos. Vários deles ocupam postos de prestígio no país adoptivo. Mas vivem sob o terror permanente de serem descobertos por perseguidores. Estes usam de todos os meios—incluindo o sequestro—para os forçar a regressar ao país ofendido.

De uma forma ou de outra, todo o homem e mulher desejam fugir em algum período da vida. Sentindo ameaçados a sua segurança e bem-estar, querem voar para longe. Por vezes, essa sensação é provocada pela consciência do mal praticado. Um passo em falso, um acto pecaminoso, a mancha pertinaz de uma infracção social—levam a pessoa a dizer como o salmista Davi: "Ah! quem me dera asas como de pomba! voaria e estaria em descanso . . . Fugiria para longe, e pernoitaria no deserto. Apres-sar-me-ia a escapar da fúria do vento e da tempestade" (Salmo 55:6-7).

Este desejo de evasão pode atingir um nível crítico. É assombroso o número de pessoas—principalmente jovens—que escolhem a fuga do suicídio, pois nada neste mundo lhes oferece garantia de refúgio sem a ameaça permanente da extradição, que é pronúncio de castigo severo.

A Bíblia fala de seis *idades de refúgio*, comunidades criadas para abrigar pessoas que, involunta-

riamente, cometiam actos puníveis com a morte. Uma vez dentro da área dessas cidades, o réu podia viver normalmente até a morte da pessoa a quem cabia vingar a ofensa infligida à vítima. Nessas cidades sem extradição, o réu andava em relativa segurança, mas saudoso. Ansiava pela chegada da hora em que poderia reintegrar-se na sociedade e conviver com os seus queridos.

Nações que não extraditam criminosos oferecem ainda ao transgressor um melindroso e limitado esconderijo. Mas o salmista Davi fez a descoberta de um refúgio perfeito. Ele disse: "Deus é nosso refúgio e fortaleza, socorro bem presente na angústia" (Salmo 46:1).

Deus não dá guarida a criminosos. Ele absolve-os, perdoando-lhes as culpas. Restaurando-os à condição de justos, reintegra-os inteiramente.

A fuga às consequências do mal praticado é uma aventura fracassada. O estigma maior do pecado nunca fica atrás. Mesmo na pessoa que fuja sem bagagem ou sem roupa, o pecado é fardo teimoso que se aloja na alma e faz, de cada novo lugar de paragem, um tribunal secreto. Ali, mesmo que outros não vejam ou não quiserem ver, o transgressor vive à sombra do medo e do remorso. Num sentido real, ele é extraditado, vez após vez, ao local donde fugiu em busca de vida ou paz.

Como refúgio, Deus oferece mais do que um muro de protecção. Ele perdoa o pecado cometido. Tirando a mancha da alma, traz alegria e paz à vida. Quando isso acontece, o lugar mais inóspito se transforma em ponto de encontro com a essência da felicidade: não o que nos cerca, mas O que está dentro de nós. □

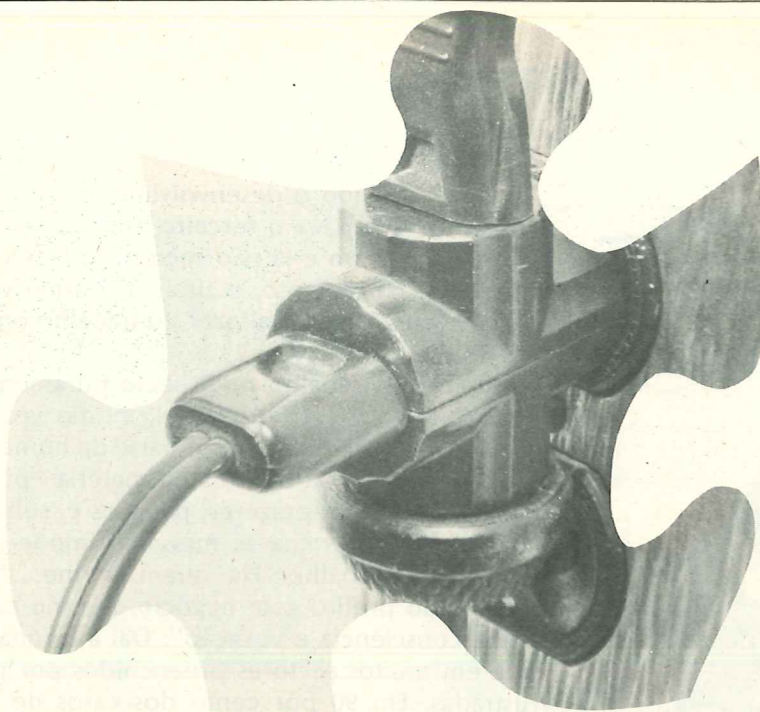


foto por Ed Carlin

poder para viver

Jesus Cristo é o Mestre que transforma. Isto é confirmado pelas vidas transformadas dos primeiros cristãos. De discípulos tímidos e receosos, Ele conseguiu que os Seus seguidores se convertessem em pessoas militantes e ousadas. Pelo Seu poder foram capazes de vencer o pecado e o mal. O Cristo que ressuscitou tornou-Se o poderoso líder das suas vidas.

Ninguém pode continuar a mesma pessoa após ser transformado por Cristo. Os primeiros cristãos espalharam-se pelo mundo e transformaram-no. Possuíam uma grande compaixão e eram

dominados por um novo poder.

Não há dúvida de que a sua odisseia parecia pura loucura mas o mundo falhou em se lembrar de que um punhado de pessoas com Deus pode fazer o impossível. Dez justos poderiam ter salvo Sodoma.

Os discípulos passaram de dúvida a certeza; de vacilação a fidelidade; de medo a coragem. A sua fé já não era uma conveniência consoladora; era uma convicção tão profunda como a vida. Não estavam embriagados com vinho novo; estavam, sim, eletrizados com poder. Tinham poucas posses materiais, nenhum

prestígio, ausência de cultura especial, mas possuíam o que o mundo precisa e deseja: o segredo e poder para uma vida santa.

Haviam passado da escravidão para a realidade espiritual. Começaram a viver a vida abundante, e esta espécie de vida é sempre atractiva.

O poder e desafio do Senhor ressuscitado impeliu esses cristãos para o mundo, abalando a hierarquia e transformando as correntes da história em novos canais. Tinham uma nova mensagem. Entoavam um novo cântico. Não se desculpavam; afirmavam com dinamismo.

Eles arriscaram toda a sua vida na ressurreição do Senhor. "Se Cristo não ressuscitou, é vã a vossa fé." Pregavam como se essa fosse a sua última oportunidade, e a última oportunidade dos seus ouvintes. Não se limitaram a generalidades vagas, a futilidades, a lisonjas ou elogios. Através do poder do Espírito Santo, proclamaram, com absoluta convicção, a ressurreição de Cristo.

Senhor, dá-nos hoje pessoas que sejam tão dinâmicas e cheias do Espírito como os discípulos de antanho, para que também possamos transformar o nosso mundo! □

—Orville W. Jenkins
Superintendente Geral

O ARAUTO DA SANTIDADE

H. T. REZA, Director Geral
JORGE DE BARROS, Director
M. ODETE PINHEIRO, Redactora
DANIEL D. GOMES, Ilustrador e Revisor
ROLAND MILLER, Artista
CASA NAZARENA DE PUBLICAÇÕES, Administradora

Volume VII 15 de Abril de 1978 Número 8

O ARAUTO DA SANTIDADE é o órgão oficial da Igreja do Nazareno nos países onde se fala o português. É publicado quinzenalmente pela Junta Internacional de Publicações—Português—da Igreja do Nazareno e impresso pela Casa Nazarena de Publicações, 2923 Troost Avenue, Kansas City, Missouri, 64109, E.U.A. Assinatura anual, U.S.\$2.00; número avulso, U.S.\$1.0. Favor dirigir toda a correspondência à Casa Nazarena de Publicações, P.O. Box 527, Kansas City, Missouri, 64141, E.U.A.

O ARAUTO DA SANTIDADE is published semi-monthly by the International Publications Board—Portuguese—of the Church of the Nazarene. Printed at the Nazarene Publishing House, 2923 Troost Avenue, Kansas City, Missouri, 64109, U.S.A. Subscription price: \$2.00 a year in advance; single copy, 10 cents. Application to mail at second-class postage rates is pending at Kansas City, Missouri, 64141, U.S.A.

TRABALHO—



ORAÇÃO

—Acácio Pereira

Foi-me sugerido o desenvolvimento deste tema, quando frequentava o terceiro ano do seminário. Os anos passaram e já não recordo qualquer frase do escrito. No entanto, o título ficou-me vincado para sempre. Aprendi a fazer do trabalho uma oração.

De facto, o trabalho no aspecto puramente material é, não só um fardo, mas, muitas vezes, um verdadeiro pesadelo. A maior parte da humanidade trabalha com os olhos fixos na matéria—pão, vestuário, casa, carro, prazeres, passeios e, sobretudo, dinheiro. Este domina as massas e impõe-se, até, ao próprio trabalho. Há quem afirme: "Ganho mais, então prefiro esse negócio, mesmo contra a minha consciência e vocação". Daí a lacuna verificada em muitos sectores preenchidos por pessoas frustradas. Em 90 por cento dos casos de roubo, crime, divórcio, crianças abandonadas e suicídios, predomina a falta de dinheiro consequente da falta de emprego. Os responsáveis mundiais continuam, em boa hora, a despender esforços para resolver o problema.

Todavia, no aspecto espiritual, à luz de Deus, o trabalho torna-se privilégio e bênção. "Trabalhai não pela comida que perece, mas pela comida que permanece para a vida eterna" (João 6:27). É fácil consagrar o trabalho, quando as vidas já o estão. Pois, deste modo, o nosso trabalho não será vão no Senhor. Jesus declarou: "Meu Pai trabalha até agora, e eu trabalho também" (João 5:17). O próprio Deus opera desde a eternidade no seio da Trindade, na criação e conservação do universo. O agir faz parte da Sua essência. Após a queda do homem Ele prossegue o Seu trabalho redentor e santificador.

Também o trabalho faz parte essencial da vida do homem. Mas deve pôr de parte o ressaibo do castigo: "No suor do teu rosto comerás o teu pão" (Gênesis 3:19); e fazer do seu trabalho uma graça, um sinal positivo a atestar a obra espiritual de Deus. No Éden uma espada de fogo, no Calvário uma Cruz de amor!

Afixei, há tempos, na minha mesa esta frase de Corrie Ten Boom: "Se sabemos que estamos dentro da vontade de Deus, não precisamos de nos preocupar em indagar se Ele nos está utilizando no Seu trabalho". Tem-me servido de estímulo. Não importa a espécie de trabalho. Diariamente consagro o meu ao Senhor por meio da oração. Antes de começar, fecho os olhos, elevo o coração a Deus e peço-Lhe sabedoria e graça. Durante o dia renovo a união com Ele. Deste modo o trabalho transforma-se em oração.

Que bom seria que todos santificássemos o nosso trabalho por meio da oração, levando uma vida de santidade! Só resultará na medida em que o espírito supere a matéria. □



paternalismo e auto-sustento

foto por Daniel D. Gomes

—H. T. Reza

O paternalismo é uma atitude tanto da pessoa que dá, como da que recebe. É depender de outrem naquilo que, normalmente, se pode fazer por esforço próprio.

O pai cuida dos filhos até certa idade; está bem. Mas quando, depois dessa idade, continua a protegê-los do mesmo modo, priva-os de exercitar as suas faculdades, pondo em perigo a sua dignidade.

O filho faz bem em depender dos pais até certo ponto, a fim de ter o indispensável para viver. Todavia, depois de adquirir maturidade física, e até de casado, se ainda continua a receber dos pais o necessário para viver, torna-se um parasita.

O paternalismo tem, como a moeda, duas faces. No anverso está a boa vontade do que dá, do que protege. No reverso encontra-se a atitude do que recebe.

No caso das missões domésticas verifica-se o mesmo. Um lugar de pregação ligado a uma igreja organizada pode manter-se dez ou vinte anos como missão, ou pode valorizar-se no espaço de um ou dois anos. Tudo depende daquilo que os membros resolvam, os quais, como células do evangelho, não só têm a responsabilidade de se organizar, mas também de crescer: estabelecendo novos centros de pregação logo que lhes seja possível.

Muitos pensam que é mais fácil receber de fora ajuda em pessoal ou dinheiro, que passar um período de privações, o qual lhes facultará vida própria.

A Igreja Primitiva dava e recebia; ou melhor, recebia para dar. Os conceitos de missão e igreja, tal como hoje os usamos, eram desconhecidos naquele tempo.

Mas não são apenas as missões domésticas possuidoras deste defeito. Também as igrejas no "Campo Missionário" dependem da "Missão" para sobreviver. Esta sobrevivência pode incluir o salário total ou parcial do pastor, dinheiro para litera-

tura, reparações, mobiliário e apoio moral para que tal pessoa seja eleita ou removida de tal posto.

Já é tempo de tirarmos a conotação paternalista dos termos "campo missionário", "missão" e "igreja nacional". Em sentido restrito toda a igreja, de qualquer nação, dirigida pelo seu próprio povo é uma igreja nacional. Não somos segmentos da igreja, mas a própria Igreja, a Igreja de Jesus Cristo. Portanto, cabe-nos o dever de governo, auto-sustento e propagação da fé que nos tornou livres em Cristo.

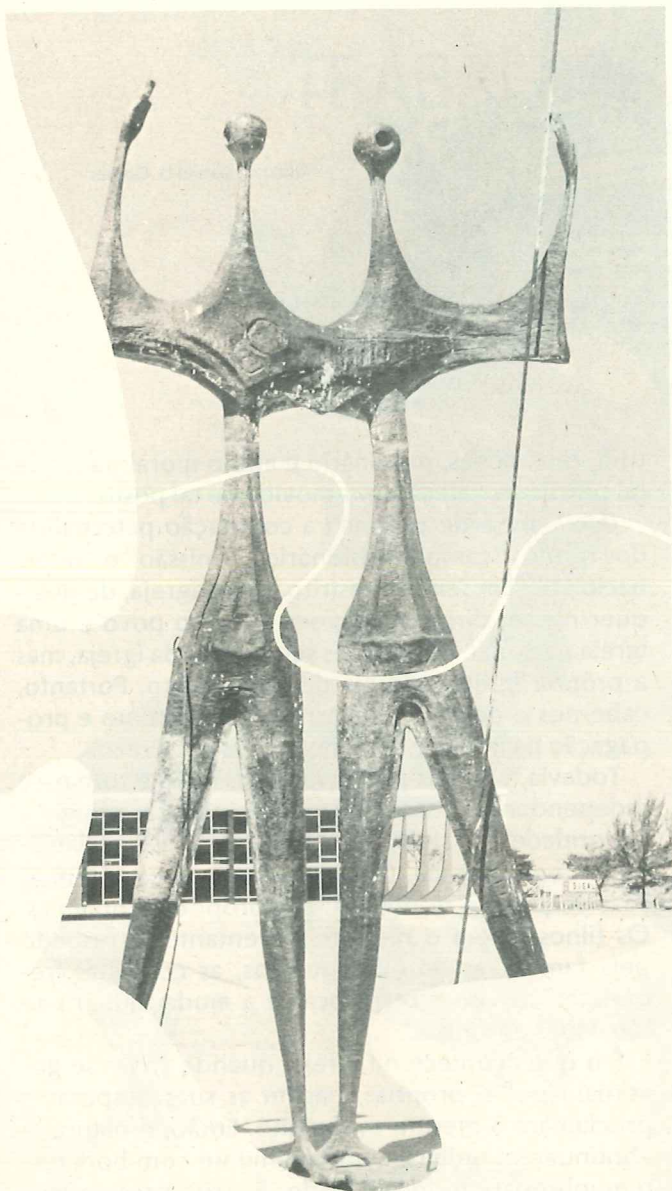
Todavia, o andar pelo próprio pé não é tornar-se independente, como o facto de alguém atingir a maioria não significa que deixe de estar relacionado com a família. O pai vive em sua casa, tem as suas despesas e resolve os seus próprios problemas. Os filhos fazem o mesmo; no entanto, o respeito pela família, as reuniões festivas, as consultas frequentes, as visitas recíprocas e a ajuda mútua não são coisas estranhas.

É o que acontece na igreja, quando todas se governam por si próprias, pagam as suas despesas e proclamam o mesmo evangelho. Então, o natural é continuarem unidas voluntariamente com bom testemunho para todo o mundo. E assim prossegue o círculo: uma igreja mãe ajudando os filhos a converter-se em outras igrejas mães que educam e dão vida aos seus próprios filhos.

Que acontecerá ao dinheiro que antes era usado para os filhos em crescimento? Será aplicado em alimentar e fazer crescer outros filhos. Pois, uma igreja forma-se e organiza-se para se reproduzir. Se deixa de o fazer, torna-se estéril. E a esterilidade mata. A igreja mantém-se viva enquanto se reproduz. O dinheiro que se gastava nos rebentos, serve para outros rebentos, quando os primeiros se transformarem em plantas separadas.

O paternalismo não é mau, quando se converte em auto-sustento; mas é nocivo quando se transforma em assistência contínua, como a que o marido providencia para a esposa de quem teve de se divorciar.

A única atitude saudável, no nosso caso, é o auto-sustento. □



MONUMENTOS NO TRABALHO

—Robert Troutman

Há pouco tempo eu lia um artigo escrito pelo Dr. William Greathouse, quando presidente do Seminário Teológico Nazareno em Kansas City. Duas frases do primeiro parágrafo chamaram a minha atenção de modo especial: "O cristão é conhecido não só pelo modo como ora, mas também como trabalha"; e: "O trabalho é oração em acção".

Que contraste com um dístico que uma vez vi numa loja: "Tudo que quero é menos tra-

balho; mais tempo para o fazer; e mais dinheiro para o não fazer". (Tive a tentação de o comprar para o meu filho que está na Universidade, mas achei que ele não precisava de qualquer estímulo nesse sentido.)

Antes de continuarmos, deixem-me esclarecer que não sou um grande exemplo de alguém que espera ansiosamente para se lançar ao trabalho. Não salto da cama de manhã—arrasto-me para fora dela. Mas através de anos de trabalho aprendi algo sobre o assunto.

1. **Deus espera que eu trabalhe.** Quando Adão pecou e teve de deixar o Éden, Deus disse-lhe: "No suor do teu rosto comerás o teu pão". Em linguagem comum significa que Adão teria de trabalhar para se sustentar a si e à família. Castigo? Talvez, mas mais do que isso. No dizer dum escritor, "foi uma adaptação que se transformou numa das maiores bênçãos da humanidade. O trabalho tem actuado como travão na sua marcha descendente". Por outras palavras, o decreto divino de que o homem deveria trabalhar para o seu sustento, foi emanado para bem do homem e não por capricho de Deus.

O quarto mandamento especifica: "Seis dias trabalharás . . ." Comenta o Dr. Greathouse: "É um mandamento para se trabalhar, tanto como para se descansar um dia na semana". E na primeira carta aos cristãos de Tessalónica, o apóstolo Paulo escreveu: "Exortamo-vos, porém, a . . . trabalhar com as vossas próprias mãos" (I Tes. 4:10-11). Parece que a mensagem não surtiu muito efeito da primeira vez; assim, na segunda carta, Paulo é mais específico: "Se alguém não quiser trabalhar, não coma, também" (II Tes. 3:10).

Há outras passagens das Escrituras que se referem claramente à responsabilidade do cristão quanto ao trabalho. O conjunto mostra sem sombra de dúvida que Deus espera que trabalhemos.

2. **O trabalho permite-me ser um participante activo no plano de Deus, não somente um espectador.** Claro que eu trabalho para suprir as minhas necessidades, mas há no trabalho outra dimensão—se eu a aceitar. Escrevendo aos efésios, Paulo incitou os crentes a trabalharem para que pudessem ajudar os que tivessem necessidades (4:28). O reino de Deus na terra não

pode descurar por completo as leis económicas da sociedade. Temos a Sua ajuda, mas ainda é preciso dinheiro para levar a cabo a obra da Igreja. Como poderei cumprir a minha parte nesta tarefa? Uma das maneiras é trabalhar, para poder contribuir quando necessário. Posso participar, não somente assistir.

3. **O trabalho é um meio de testemunho.** A minha atitude para com o trabalho reflecte a minha relação com Deus. Exagerado? Não quando se encara seriamente a responsabilidade cristã de demonstrar o amor de Deus em todos os sectores da vida. Não faz sentido dizer: "Amo a Deus e desejo que a minha vida leve outros a amá-LO", e ser descuidado ou pouco diligente no trabalho. As pessoas olham para o que fazemos quando desejam ver a diferença provocada pelo cristianismo nas nossas vidas. "Seja qual for o trabalho do crente", diz o Dr. Donald Metz, "deve haver uma diferença entre ele e o não-crente. Pela sua atitude, pontualidade, diligência e sentido de responsabilidade, o crente deve testificar. Cada tarefa deve ser um monumento à graça de Deus". Testifico através do meu trabalho!

4. **O trabalho faculta-me um meio de expressar a minha mordomia.** O dinheiro é o resultado mais comum do trabalho. Como mordomo do que Deus me tem dado, devo ser fiel em pagar o meu dízimo, dar ofertas e usar todos os meus recursos financeiros reconhecendo Cristo como Senhor da minha vida. Mas ainda há mais. O trabalho ajuda-me a desenvolver a minha capacidade, as minhas relações pessoais, o meu sentido de responsabilidade—resumindo, contribui para tornar-me o tipo de pessoa que Deus deseja que eu seja. Lembra-se do ditado "A ociosidade é a mãe de todos os vícios"? Algumas vezes é citado: "A ociosidade é inimiga da alma". Mas qualquer deles contém uma verdade muito importante. A ociosidade—preguiça—tende a alimentar a depravação; o trabalho—estar ocupado—reprime-a. É o mesmo que dizer que, mantendo-se ocupado, não há tempo para se dedicar ao mal.

Verifiquemos os nossos hábitos de trabalho—e a nossa atitude—à luz destas quatro ideias. Quando outros nos observam no trabalho, vêem um monumento à graça de Deus? □

mantenha distância

—Maria das Dores A. de Souza*

Estamos acostumados a ver esta frase escrita atrás de veículos colectivos e caminhões: **MANTENHA DISTÂNCIA.**

É interessante como, em certas ocasiões, mesmo uma frase simples e muito usada como esta nos faz meditar em algo tão importante e significativo como a nossa relação com Deus. Sabemos que mantendo distância uns dos outros, os veículos evitarão acidentes e terão maior segurança no seu trajecto.

Em relação à nossa vida espiritual, dá-se o contrário; não deve existir distância entre nós e Deus.

Devemos cada dia estar mais próximo d'Ele, até que possamos ficar a Seu lado no céu. Muitas vezes o crente se detém no caminho, preocupado com coisas secundárias, e se distancia quase a perder de vista do caminho do Senhor. Quando isto acontece, acidentes podem afectar profundamente a vida espiritual do crente.

Estando sempre bem perto de Deus, teremos forças para vencer os obstáculos que a vida nos coloca à frente. Sentiremos poder na oração, maior alegria, uma paz que o mundo não conhece, comunhão com Deus e com todos; os nossos corações estarão aptos a perdoar e o nosso amor pelas pessoas será amor-doação, sem esperar nada em troca.

É bom, é prudente que sintamos cada dia mais o Seu calor, que estejamos a tocá-LO sempre. Toda a nossa maneira de ser, de agir, poderá brilhar ainda mais, num testemunho vivo aos que nos cercam. Isto tudo nos é possível quando damos prioridade a Deus e à nossa vida com Ele. Ao ficarmos perto d'Ele, não estaremos colocando em risco a nossa segurança ou a de quem quer que seja, nem infringindo leis; estaremos sim, de acordo com a nossa condição de seguidores de Jesus.

Mantenhamos distância do pecado. □

*Santó André, Brasil



—A.R.G. Deasley*

SALVAÇÃO

Alguém disse que ler o Novo Testamento é como ouvir uma conversa apenas dum lado do telefone: para se obter todo o quadro é preciso adivinhar o que se está a passar e o que é dito do outro lado. Nesta comparação há muita verdade.

Por exemplo, em lado algum encontramos declarado qual o público a que os quatro Evangelhos eram destinados na altura em que foram escritos. Embora os estudiosos tenham feito bons progressos no sentido de o descobrir, seria muito útil à compreensão desses livros se soubéssemos exactamente as circunstâncias que os motivaram.

Isto é ainda mais flagrante com as Epístolas do Novo Testamento, em especial as que pertencem a duas categorias: as que não só foram endereçadas a situações especiais, mas também escritas aparentemente como resposta a perguntas particulares (e.g., I Coríntios)—neste caso teremos que adivinhar quais eram as perguntas; e aquelas cujas circunstâncias nos são completamente desconhecidas, excepto pelo que podemos ler nas entrelinhas.

A Primeira Epístola de João é precisamente um exemplo deste último caso. Não é apenas anónima; nem sequer se parece com uma Epístola; faltam-lhe as saudações e a conclusão de uma carta. Contudo, ela foi escrita para determinada situação em que um grupo importante tinha saído da igreja local, criando considerável confusão e incerteza entre aqueles que permaneceram (2:19).

Aparentemente o “conhecimento” foi o ponto central da contenda, a julgar pelo número de vezes que é mencionado (2:3-5, 13-14, 20-21; 3:19, 24; 4:2-3, 5-6, 13; 5:2, etc.). Aqueles que saíram da igreja alegavam conhecimento espiritual mais elevado, que os tornava superiores ao comum dos fiéis. Este “conhecimento” parece ter consistido numa superestima do espiritual em detrimento do material, conduzindo a dois resultados desastrosos.

Primeiro, levou à negação da encarnação de Jesus. Se o corpo físico era vil, Deus não poderia ter incarnado. A começar pelas palavras intro-

duzórias, toda a Epístola opõe-se tenazmente a esta conclusão (e.g., 1:1-3; 2:22; 4:2-3; 5:1).

Segundo, conduziu à rejeição da realidade do pecado, e talvez mesmo à sua possibilidade no aspecto físico. Uma vez que o corpo era vil, não contava; por isso, podia-se fazer com ele o que se desejasse, com completa impunidade moral. Tal conclusão é igualmente repudiada pela Epístola em conformidade com o exemplo de Jesus (2:4-5; 3:3-7); e salienta-se que o propósito de Deus na salvação é redenção total do pecado (1:5—2:2; 3:1-10).

Lendo entre linhas podemos depreender muitas coisas que estão de acordo com o que sabemos acerca de seitas fanáticas que se desenvolveram mais tarde, as quais davam ênfase a esse tipo de conhecimento (chamadas seitas “gnósticas”).

Porém, ainda podemos ir mais longe. Não só somos capazes de deduzir a situação geral a que a Epístola se refere; parece que em certos lugares João citou pontos de vista *específicos* sustentados pelos hereges.

O primeiro capítulo é uma passagem deste género. Notemos como os versículos 6, 8 e 10 começam pelas mesmas palavras: “Se dissermos”. A inferência natural é que João está a citar o que os hereges diziam. Depois segue de perto cada uma das posições apresentadas, com uma afirmação contrária, na qual expressa o seu próprio modo de ver. Todas dizem respeito ao pecado e à vida do crente, merecendo por isso atenção total.

A primeira coisa que os hereges defendiam era a possibilidade de “ter comunhão com ele [Deus] e andar em trevas” (v. 6). Segundo o ensinamento bíblico, as trevas opõem-se a Deus que é Luz (Salmo 27:1), de modo que “andar em trevas” é viver no mal e no pecado. Portanto, alegar comunhão com Deus enquanto se vive em trevas é negar a distinção entre o pecado e a justiça, ou em termos mais simples, *negar a existência do pecado*.

O caminho do crente é viver na luz. “Mas”, podem alguns argumentar, “não revelará a luz

DO PECADO (I JOÃO 1)

os nossos pecados?" A isso João responde que a solução não está em esconder o pecado, mas em purificá-lo.

É isto precisamente o que faz o sangue de Jesus. Não há qualquer pecado exposto à luz que o sangue de Jesus não possa remover. "O sangue de Jesus Cristo, seu Filho, nos purifica de todo o pecado" (v. 7).

A segunda coisa que os hereges diziam, era: "Nós não temos pecado" (v. 8). O bispo Westcott mostra o carácter peculiar da frase "ter pecado", como sendo característica dos escritos de João. Pelo paralelismo com João 9:14, sugere que acarreta a ideia de culpa pessoal. F. F. Bruce escreve do mesmo modo, asseverando que a frase implica "ter ultrapassado a noção do bem e do mal, alcançar uma fase de desenvolvimento espiritual em que os princípios morais deixaram de ser relevantes".

Em resumo, os hereges afirmavam-se tão espirituais que podiam pecar sem ser culpados: *a negação da possibilidade de pecar*. Mas o que temos a fazer com o pecado, diz João, *não é negá-lo mas confessá-lo*.

Deus garantiu o perdão dos pecados confessados e, por isso, não precisamos de ter medo de os confessar; mais ainda, Ele prometeu purificar e tirar o pecado de qualquer forma, de modo que, segundo as palavras de Westcott, "os pecados são perdoados especificamente e o carácter é purificado". Não devemos duvidar que Deus cumpre a Sua palavra (v. 9).

A terceira reivindicação comum entre os hereges era que "nós não pecámos". Evidentemente, havia alguns que, embora reconhecendo o facto e a possibilidade do pecado, diziam que eles pessoalmente nunca tinham pecado: *a negação do acto de pecar*.

Esta é a mais grave de todas as negações. Verifiquemos a intensidade progressiva das frases usadas: "mentimos" (v. 6); "enganamo-nos a nós mesmos" (v. 8); "fazemo-lo [Deus] mentiroso" (v. 10). Negar que temos pecado é rejeitar a declaração de Deus em como todos pecámos.

Vimos que nos casos anteriores havia um padrão em que cada reivindicação falsa era imediatamente rejeitada pelo apóstolo. Por isso, esperaríamos encontrar o mesmo neste versículo. Mas tal não acontece! E se pensarmos um pouco descobriremos porquê.

A negação total do pecado por parte dos hereges—facto, acto e possibilidade—colocou o apóstolo na posição ingrata de parecer o campeão do pecado. Isto é particularmente verdade quanto à terceira reivindicação, em que, se ele seguisse o padrão que adoptou anteriormente, seria forçado a dizer: "Se dissermos que não pecámos, fazemo-lo mentiroso; mas se dissermos que temos pecado, mostramos que Deus é verdadeiro".

João não podia apoiar a sugestão de que o pecado é algo que nos recomenda a Deus. Nas palavras de Westcott, "ele automaticamente evita considerar o pecado como elemento normal na vida cristã". Por isso, afasta-se do padrão que seguira, usando as seguintes palavras: "Meus filhinhos, estas coisas vos escrevo, para que não pequeis" (2:1).

O propósito desta Epístola não é encorajá-los a pecar, mas exortá-los em tudo a não pecar (é o que o original grego sugere). Mas se alguém pecar, não deve ficar desesperado. A sugestão do diabo é: "Agora que caíste, é assunto arrumado; não há maneira de voltar atrás".

Mas existe realmente um meio para se voltar atrás! Temos um Advogado para com o Pai: o próprio Jesus Cristo; e o poder da Sua morte redentora é tal que pode neutralizar não só os *nossos* pecados, mas também os pecados de todo o mundo.

No primeiro capítulo da sua Primeira Epístola, João afiança-nos uma salvação por Jesus Cristo, que é poderosa para perdoar e purificar o pecado; não só para nos restabelecer quando caímos, mas para nos guardar de cair, isto é, de pecar. Seja o que fôr a vida cristã *média*, essa é que é a vida cristã *normal*. □

*Professor do Seminário Teológico Nazareno em Kansas City



CRISE DE RELACIONAMENTO

—Manuel B. Semedo
Santiago, Cabo Verde

RELAÇÕES HUMANAS

1. Fale às pessoas. Nada há tão agradável como uma saudação amável.
2. Sorria. Franzir o sobrolho exige o esforço de 72 músculos; sorrir, apenas de 14.
3. Chame as pessoas pelo seu nome. O som mais aprazível ao ouvido humano é o do próprio nome.
4. Seja amável e serviçal, se quer ter amigos.
5. Seja cordial. Fale e actue mostrando que o faz com prazer.
6. Interesse-se, sinceramente, por toda a gente. Se tentar, é possível que goste de quase todas as pessoas.
7. Seja generoso no louvor—moderado na crítica.
8. Respeite os sentimentos alheios. Há, em geral, três lados numa disputa: o seu, o do outro e o correcto.
9. Esteja disposto a servir. O que fazemos pelos outros é o que conta mais nesta vida.
10. Junte a tudo isto um toque de humor, uma grande dose de paciência, um pouco de humildade e será recompensado.

□ —The Log

Os meios de comunicação moderna exploram as crises mundiais—situações anormais e graves.

O aumento do preço do petróleo pelos países produtores tem levado o mundo a uma crise mundial. Inventam-se acumuladores solares para captar, conservar e transformar o calor em electricidade. Barcos, aviões e carros enormes vão sendo postos de parte por causa do seu grande consumo de combustível. Fala-se de futuros motores que usam como combustível o hidrogénio.

A moeda flutua e desvaloriza-se constantemente. Há neste mundo mais pessoas que sofrem de fome do que as que têm o suficiente para viver. O desemprego atinge proporções alarmantes em todo o mundo. Crise financeira!

Há aumentos astronómicos do preço do produto bruto na origem e, mesmo, escassez. Recentemente uma crise mundial de madeira tornou escasso o papel em toda a parte. Crise do produto bruto!

Mas, a verdadeira crise hoje é a do relacionamento entre o homem e Deus.

Deus acusa o homem de rebeldia absoluta (Isa. 1:2-8), pois os animais do campo são capazes de demonstrar dependência e dedicação mais natural e mais perfeita que o próprio homem. Aquele que nos criou e nos tem mantido continua desconhecido no Seu amor, na Sua tolerância e no Seu perdão.

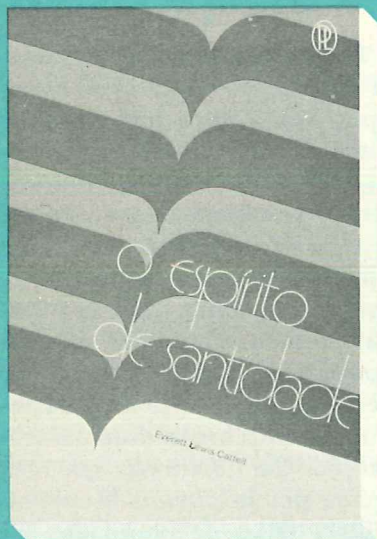
A crise faz com que os homens voltem costas a Deus, deixando-lhes duas opções: ou imaginam que eles próprios são deuses, e se transformam em autênticos déspotas, ou revertem-se à condição de animais e procuram satisfação no sexo baixo, esquecimento na bebida, sensações irreais na droga—como a empregada de restaurante que vendeu o filho por quarenta e oito contos a fim de comprar heroína, cometendo depois uma série de roubos na esperança de reaver o filho de dezoito meses.

A resposta válida à crise de relacionamento é proporcionada em Cristo.

A própria humanidade de Jesus Cristo liga o homem a Deus. Ele conhece as nossas necessidades e pode interpretá-las diante de Deus. A divindade do nosso Senhor Jesus Cristo rompe as barreiras do pecado que provocam a crise de relacionamento.

“Deus estava em Cristo, reconciliando consigo o mundo” (II Coríntios 5:19). □

Um livro dinâmico
que revolucionará a
sua vida.



O Espírito de Santidade
—E. Lewis Cattell

Sete capítulos absorventes:

- I. O Elemento Tempo na Salvação
- II. A Santificação do Eu
- III. A Vida Controlada pelo Espírito
- IV. A Direcção do Espírito
- V. Orando no Espírito
- VI. A Unidade do Espírito
- VII. Definição do Amor

Encomende hoje o seu
exemplar à CASA
NAZARENA DE
PUBLICAÇÕES.

Preço U.S.\$1.50

DEUS RESPON- DERÁ

—Gary Bunch
Lisboa, Portugal



O rei da Assíria tinha conquistado a cidade de Samaria. O reino do norte caíra. Em seguida, subiu contra as cidades fortes de Judá, o reino do sul, e tomou-as.

Nessa altura era Senaqueribe o rei da Assíria, Ezequias o rei de Judá e Isaías o profeta de Deus. Senaqueribe mandou umas cartas ao rei Ezequias. Nelas gabava-se muito e anunciava a próxima destruição da cidade de Jerusalém e a queda do reino do sul, se não se lhe submetessem.

Ezequias podia ter ficado muito desanimado, até desesperado, e podia ter dito: "Já não vale a pena. Não podemos lutar contra um exército tão forte". Mas não! Logo que recebeu as cartas, foi à casa do Senhor, apresentou-as a Deus e orou.

E nós? Que fazemos quando temos problemas ou estamos em dificuldades? A reacção humana é ficar preocupado, desanimado e, até, puxar desesperadamente o cabelo. Mas devemos fazer a mesma coisa que Ezequias: orar.

Mal os joelhos de Ezequias tocaram o chão, Deus falou com Isaías dizendo-lhe que tinha ouvido a oração do rei. Disse que ia pôr o Seu anzol no nariz de Senaqueribe e freio nos seus beíços, para o fazer voltar pelo caminho por onde viera.

Naquela noite o anjo do Senhor foi ao acampamento dos assírios e feriu cento e oitenta e cinco mil. No dia seguinte, ao levantarem-se, os assírios viram cento e oitenta e cinco mil cadáveres espalhados por todo o acampamento. Senaqueribe, rei da Assíria, voltou para Ninive. Deus respondeu à oração de Ezequias.

Os nossos problemas, às vezes, parecem insolúveis e invencíveis como o exército de Senaqueribe. Mas Deus, ao ouvir as nossas orações, responderá em poder e tomará conta do problema. Portanto, em vez de nos preocuparmos e ficarmos desesperados, devemos apresentar os problemas ao Senhor e orar. E mesmo antes de os nossos joelhos tocarem no chão, Deus ouvirá e responderá. Mas a resposta, muitas vezes, não vem quando ou como esperamos. Aprendamos a ter paciência e a esperar que Deus nos responda. Assim saberão todos os reinos da terra que só o nosso Deus é o verdadeiro Deus. □

trabalho—

O trabalho dignifica o homem.

Todas as pessoas normais procuram algo para executar, pois sabem que a forma mais honesta para o homem sobreviver é através do trabalho.

Aquele que não gosta de trabalhar, criará hábitos e tendências ruins como o roubo, o vício de jogar, negócios ilícitos e vida desregrada. Bem diz o provérbio: "A mente ociosa é a oficina do diabo". É aqui que muitos problemas morais e sociais começam. Jamais a inactividade, a preguiça e a falta de alvos definidos na vida levarão a qualquer para o caminho do sucesso.

Escrevendo a Timóteo, o apóstolo Paulo foi claro neste aspecto do dever de todos trabalharem—" . . . que, se alguém não quiser trabalhar, não coma também" (II Tim. 3:10).

Queremos avançar rumo ao sucesso, mas, trabalhando.

Salomão, que no seu tempo provou "tudo o que havia debaixo do sol", aconselha-nos eloquentemente: "TUDO quanto te vier à mão para FAZER, faze-o conforme as tuas forças . . ." (Ecl. 9:10). E se acrescentarmos as palavras de Paulo, teremos a fórmula adequada—TUDO o que FIZERDES, fazei-o de alma e coração, como se fosse para Deus, e não somente para os homens, sabendo que é celestial a nossa recompensa, porque vem de Deus. É que na realidade servis a Cristo e não simplesmente a qualquer patrão terreno" (Col. 3:23, 24, *Cartas às Igrejas Novas*).

Se queremos que o nosso trabalho seja uma via para o sucesso, temos de ser bons mordomos. Deve haver mordomia no trabalho. Nos textos acima referidos encontramos uma palavra chave: "FAZER". Este verbo no grego (conforme um erudito) tem a mesma raiz da palavra "poema" em nossa língua e significa produzir, criar, de modo artístico. E assim, em todo o nosso trabalho devemos ter aquela preocupação de uma obra perfeita—"como ao Senhor e não aos homens".

Só desta maneira estaremos a ser bons mordomos no nosso trabalho. Qualquer cristão que viole estes princípios bíblicos não pode sentir-se feliz no seu ofício. Será insatisfeito, ineficiente e improdutivo.

A maior parte das pessoas que trabalham passam cerca de oito horas diárias fora dos seus lares. Portanto, é no trabalho que vamos revelando as nossas qualidades e faculdades. É lá que revelamos, ou não, o valor de um crente e, conseqüentemente, a veracidade da nossa vida cristã interior.

Mantenhamos no local de trabalho o nível de confiança que outros nos têm quando nos situam no templo em adoração.

E estaremos no caminho para uma vida de pleno êxito. □

caminho do sucesso

—Armando de Sá Nogueira
Santiago, Cabo Verde

PERDOA— mesmo quando não podes esquecer

"Perdoar e esquecer" é um lema excelente—e um ideal quase impossível. Parece que a mente humana é um grande computador que arquiva factos e acontecimentos sem limite e sem esforço. Deste modo o perdão não pode depender da nossa capacidade de esquecer. Quanto maior a injustiça recebida, mais difícil se torna expulsá-la da memória. Sirva de exemplo uma criança aleijada pelo tratamento brutal dum pai sem coração. Ou uma moça que, enganada por promessas lisonjeiras e ideias falsas de liberdade, encontra-se mãe dum filho ilegítimo. Ou um adulto que vê escapar uma oportunidade única, por causa da avaliação injusta dum sócio.

A criança aleijada nunca poderá esquecer que o é. Lembra-se de tudo tal qual aconteceu. A jovem vive com a lembrança constante da sua decepção. O adulto, pelo menos algumas vezes, pensa como tudo teria sido diferente se o sócio tivesse sido justo naquela avaliação.

Perdoar quando não se pode esquecer é impossível sem a graça de Deus. A lembrança do mal fica latente e corrói. Mas o poder e presença de Deus levanta-nos acima do ressentimento humano, até ao lugar de perdão.

Mas, Deus não perdoa e esquece? Não necessariamente. A Bíblia diz que Deus "nunca mais se lembrará dos seus pecados" (Jeremias 31:34). E noutra parte promete que Ele lançará os nossos pecados no mar do esquecimento. Isto é, Deus olha para nós como se nunca tivéssemos pecado.

A ideia não é que Deus usará um apagador gigante para fazer desaparecer do Seu conhecimento o pecado do homem. Antes, pelo resultado da nossa relação com Ele, Deus perdoa-nos e não mais nos considera culpados e sob

condenação.

Quando perdoamos—mesmo quando não podemos esquecer—experimentamos uma paz sublime. Exercitamos uma espécie de piedade que antes desconhecíamos. Quando perdoamos—

mesmo que não possamos esquecer—temos a certeza de que Deus também nos perdoa.

Perdoa e esquece se podes, mas, de qualquer modo, perdoa sempre! □

—Donald S. Metz

nadar a valer!

—Eleanor W. Cunningham



Enquanto eu passava as férias numa praia, vi três crianças de dois ou três anos vigiadas pelas mães. De vez em quando iam até onde a água tinha uns 15 centímetros de altura, para chapinhar. As mães aplaudiam a sua brincadeira e os meninos pensavam estar a nadar a sério. O esparrinhar convencia-os dos seus talentos de grandes nadadores. Sentiam-se orgulhosos com a sua valentia e com a atenção de que eram alvo, apenas em 15 centímetros de água!

Depois dirigi o olhar para outro lado, mar adentro. Vi um homem dos seus setenta anos, a nadar com toda a calma, sem chapinhar e quase sem mexer a água. Era evidente que se sentia como que em casa. Decerto que se habituara a nadar desde tenra idade, e agora gostava de ir para o mar largo. Não fazia alarido da sua habilidade, nem dizia para a esposa:

“Olha, estou a nadar!” Não precisava disso. Era óbvio para todos que ele era um bom nadador, cheio de experiência. Então, comentei comigo mesma: “Se me estivesse a afogar, este homem seria capaz de me salvar”.

Pensei como os cristãos se parecem a esta ilustração. Muitos de nós fazemos grande algazarra ao chapinhar na água, clamando: “Olhem para mim, posso nadar a valer!” Nunca nos afastamos um pouco; andamos sempre com a água pelos joelhos. Não nos atrevemos a grandes profundidades na nossa experiência espiritual; e quanto alarde fazemos da nossa proeza!

Mas, ao olharmos para outro lado, vemos alguns soldados da Cruz nadando calmamente no mar profundo. Mostram força, confiança e perseverança. Onde quer que se encontrem procuram manter a sua profundidade

espiritual. São os santos que podem agir com fé genuína; que ganham almas para Cristo com os seus contactos e convites. Sabem orar pelos outros com fervor e insistência. Atrevem-se a explorar a profundidade da Palavra de Deus para se alimentarem a si e aos outros.

Estes podem ser contados entre os que são fiéis à igreja, sem se importarem com o estímulo dos outros. Prosseguem com o seu trabalho sem criticar ninguém. Não dependem do incitamento e dos aplausos dos outros para continuarem, mas estão sempre prontos a consolar os tristes e desanimados.

Se eu estivesse perdida no mar do pecado, dependeria dessa gente para me mostrar o caminho da salvação. Sei que me poderiam ensinar a nadar no mais profundo, nas águas refrescantes da graça de Deus. □

—Vital Christianity

Deseja receber **O ARAUTO DA SANTIDADE?**

Faça HOJE a sua assinatura! Se é assinante e mudou de residência, dê-nos o

Endereço antigo

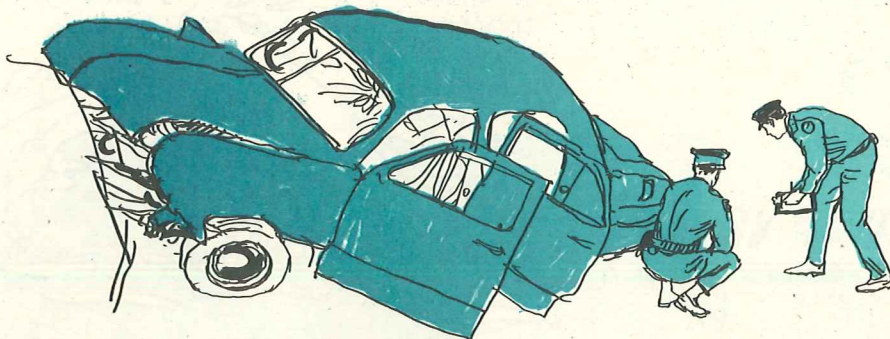
NOVO ENDEREÇO

Nome _____

Endereço _____

CUIDADO com a negligência!

—James D. Hamilton*



Em certa ocasião num viveiro era anunciada a venda de algumas plantas e árvores que *não requeriam cuidado*. Em geral todos somos atraídos pela ideia de desfrutar de coisas belas—como plantas—e de valor, que não exigem cuidado ou cultivo esmerado.

Embora isso seja verdade no caso de algumas plantas, não o é no cristianismo. Para se crescer espiritualmente é preciso ter atenção e cuidado. O mesmo acontece em muitos outros casos na vida: por exemplo, a negligência de certos princípios básicos de higiene pode causar doenças e até a própria morte. O descui-

do mental—bons hábitos de leitura e de educação—produz preguiça e torpeza. O descuido do espírito produz franqueza espiritual.

Eis algumas coisas da nossa vida espiritual que não podemos negligenciar:

1. *A oração*. “A falta de oração é o princípio de todo o fracasso”, disse Samuel L. Brengle, do Exército de Salvação.

2. *A Bíblia*. Paulo disse a Timóteo que não negligenciasse a leitura da Palavra de Deus, nem as suas doutrinas (I Timóteo 4:14-16).

3. *A assistência à igreja*. Um pastor, ao notar que de-

terminado membro da sua igreja já não assistia aos cultos, foi visitá-lo. Foi bem recebido e, enquanto conversavam alegremente junto à lareira, tomou uma brasa com as tenazes e separou-a do fogo. Pouco a pouco apagou-se por completo. Depois duns instantes de silêncio, o homem disse ao pastor: “Não precisa de me dizer nada . . . irei à igreja no próximo domingo”.

Cuidado, prestemos atenção à nossa vida espiritual, para não arrefecermos e acabarmos por morrer! □

*Professor do Seminário Teológico Nazareno em Kansas City

Recorte e envie este cupão à CASA NAZARENA DE PUBLICAÇÕES. Nos E.U.A., P.O. Box 527, Kansas City, Missouri, 64141. No BRASIL, C.P. 1008, 13.100—Campinas, SP. Em CABO VERDE, C.P. 60, Mindelo, São Vicente. Em PORTUGAL, R. Castilho, 209, 5º E., Lisboa-1.

Para uma assinatura, envie a importância de US\$2.00 (ou o equivalente na moeda dos países de expressão portuguesa) para qualquer dos endereços acima indicados.



OS ANIMAIS FORAM CRIADOS ANTES OU DEPOIS DE ADÃO?

✓ **Podia-me explicar por que é que Génesis 1:21-25 diz que os animais foram criados antes de Adão, enquanto que Génesis 2:18-20 diz que os animais foram criados depois de Adão?**

A relação entre estas duas passagens (Génesis 1:1—2:3 e 2:4-25) tem redundado em confusão.

Contudo, não se trata de duas criações, mas de duas passagens duma série criadora. Os animais foram criados antes do homem. Génesis 2:19 diz: "Havendo pois o Senhor Deus formado da terra todo o animal do campo, e toda a ave dos céus". O que é descrito daqui para a frente em Génesis 2 não trata da criação, mas dos nomes dados a toda a alma vivente (v. 20).

Génesis 1:1—2:3 dá-nos o relato inicial e geral da criação de todas as coisas. Génesis 2:4-25 é a história mais pormenorizada da criação da espécie humana. As passagens não são contraditórias. Completam-se mutuamente.

✓ **Que significa esta frase: "A sabedoria é justificada por seus filhos" (Mateus 11:19; Lucas 7:35)?**

O contexto trata do comentário de Cristo acerca daqueles que criticavam o Seu ministério e o de João Batista. "Veio João, não comendo nem bebendo", e "veio o Filho do Homem comendo e bebendo" (Mateus 11:18-19). Em nenhum dos casos foi possível satisfazer os judeus.

"A sabedoria é justificada por seus filhos" significa que aqueles que compreenderam bem aceitaram João e Jesus. A verdadeira sabedoria é demonstrada pelos seus resultados.

Alguns eruditos bíblicos personificam a "sabedoria" nesta passagem (como o fazem em Provérbios 1:20-33) e interpretam-na como representando tanto a Jesus como a João. É apenas uma interpretação possível.

No entanto a frase é como um provérbio que expressa a verdade sem ser alegórico; comunica a sua mensagem sem ser literal.

✓ **Nós os cristãos ainda estamos sob a lei dos Dez Mandamentos?**

Sim, sempre que os guardemos não como base ou causa da nossa salvação. Fazemos a vontade de Deus

porque a Sua graça dá vida às nossas almas—não com a finalidade de merecer o Seu favor.

Esta é a diferença essencial entre o legalismo e a espiritualidade. O legalismo espera ganhar pontos espirituais ao guardar os mandamentos—pelo menos aqueles que ele escolhe.

Por outro lado, este é o fundamento do evangelho: "Porquanto, o que era impossível à lei, visto como estava enferma pela carne, Deus, enviando o Seu Filho em semelhança da carne do pecado, pelo pecado condenou o pecado na carne; para que a justiça da lei se cumprisse em nós, que não andamos segundo a carne, mas segundo o espírito" (Romanos 8:3-4).

O cristão tem sempre de estar certo que vive entre os extremos do legalismo, por um lado, e do antinomismo, por outro. Ambos são instrumentos do diabo.

✓ **Quais são os atributos de Satanás? Será onipotente e onisciente, em especial no respeitante a saber o que vai nas nossas mentes?**

A Bíblia diz pouco dos atributos de Satanás; interessa-se muito mais pelos atributos de Deus.

Não há qualquer indicação de que Satanás seja onipotente e onisciente. No Velho Testamento, o livro de Jó, particularmente nos dois primeiros capítulos, mostra claramente que ele não tem tais atributos pertencentes à Divindade.

Satanás não é um deus, mas um ser criado da mesma forma que os anjos. É muito poderoso e astuto, mas no entanto apenas pode agir dentro dos limites estabelecidos pela vontade de Deus.

Não creio que ele possa ler o que vai nas nossas mentes. Apenas sabe o que Deus quer que saiba. Ele não conseguiu interpretar completamente o carácter de Jó.

Parece-me que é um erro exaltá-lo. Sem desprezar o seu intento malévolo, devemos regozijar-nos no facto de Satanás combater com toda a fúria por saber que vai ser lançado no lago de fogo (Apoc. 20:10).

O apóstolo Paulo escreveu de Cristo que na cruz e na Sua ressurreição despojou "os principados e potestades, os expôs publicamente e deles triunfou em si mesmo" (Colossenses 2:15). □

NOVO DISCO

Na sua dimensão real, a Igreja não tem fronteiras. É também universal a sua música. Sempre que corações são irmanados pela identidade de experiências ou de aspirações, falam uma língua comum.

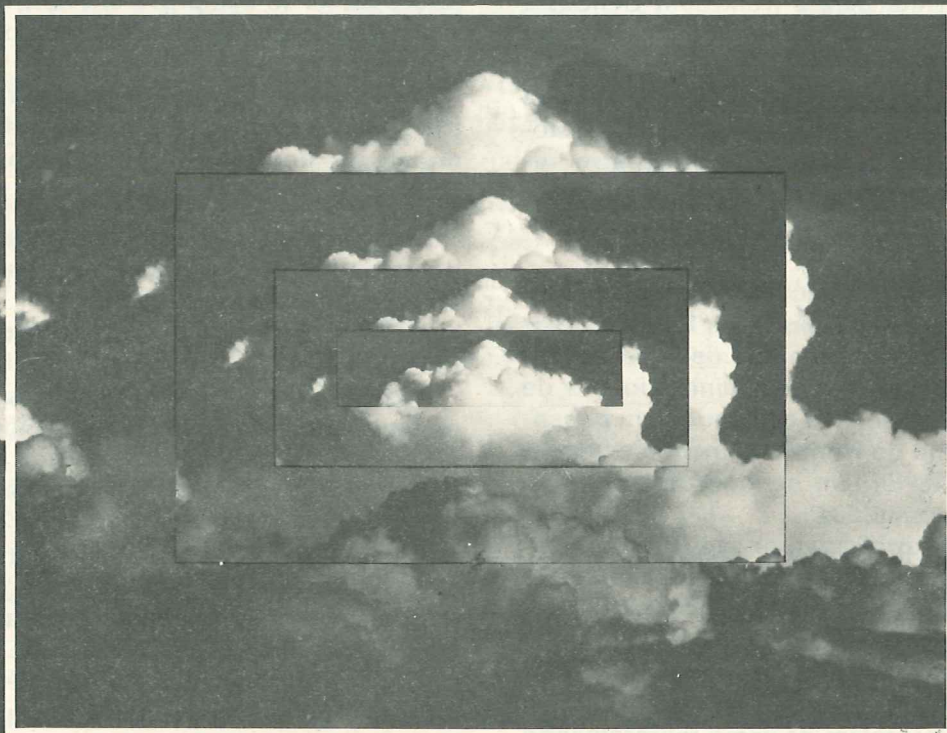
HINOS GLORIOSOS DA IGREJA encontrará eco em muitas vidas. A selecção que o disco apresenta sensibiliza áreas preciosas da alma. Chega ao círculo íntimo, onde só é admitido o Criador. Aqui, têm relevo especial hinos como "Senhor, Eu Te Conheço", "É

Cristo Meu Rei", "Pai Celeste, Rei Eterno". Estende-se depois o círculo para abraçar a irmandade crente, em músicas de testemunho e de louvor: "Exultai", "Junto à Cruz", "A Fonte Viva", "Prazer em Servir".

A progressão é natural. Agora, a alma desfralda bandeiras e enfrenta o mundo, cheia de certeza e confiança. É o que traduz o som marcial de "Castelo Forte", "Vencendo Vem Jesus" e "Eis o Estandarte".

O vocabulário da alma ficou mais rico com a aparição deste disco.

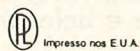
HINOS GLORIOSOS DA IGREJA



LADO 1
EIS O ESTANDARTE
EXULTAI!
PAI CELESTE, REI ETERNO
A FONTE VIVA
PRAZER EM SERVIR

LADO 2
CASTELO FORTE
JUNTO À CRUZ
SENHOR, EU TE CONHEÇO
VENCENDO VEM JESUS
É CRISTO O MEU REI

ARRANJO MUSICAL—BILL FASIG
DIRECÇÃO—BILL FASIG e DICK BOLKS
PRODUÇÃO TÉCNICA—STEVE HALL
APRESENTAÇÃO ARTÍSTICA—TED STONE
FOTO—PAUL CLARK
SUPERVISÃO—H. T. REZA e JORGE DE BARROS
COORDENAÇÃO TÉCNICA—ALBERTA DANNER
GRAVAÇÃO DOS ESTÚDIOS WHITNEY, GLENDALE, CALIFÓRNIA



CASA NAZARENA DE PUBLICAÇÕES
P.O. Box 527, Kansas City, Mo., 64141, E.U.A.



Faça a sua encomenda à **CASA NAZARENA DE PUBLICAÇÕES**

Preço U.S.\$5.50